A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO $20 — AFRICA $25 — ESTRANGEIRO $40

N.º 9 (99) — 13-5-923

Redactor principal:
Manoel Joaquim de Sousa
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Porta do Sol, 32

O FASCISMO...

Segundo se depreende dalgumas «notas políticas», ou «impolíticas», dos jornáis diários, há por aí várias criaturas que pensam organizar o Fascismo em Portugal. Não sei, nem posso saber, o que há de verdade em semelhantes boatos. Mas, supondo que êles são o reflexo de qualquer coisa que se prepara na sombra, de qualquer *acto-de-fôrça* das pseudo-classes dominantes, não me fica mal dar o grito de alarme, chamando à luta aqueles que, há muito tempo, andam arredados dela, e despertando aqueles que, porventura, estejam a dormir.

¿Que é o Fascismo?

Como sistema unitário de govêrno, ou como sistema de vida social, o Fascismo é a autoridade elevada ao seu mais alto gráu de brutalidade e de violência, de tirania e de opressão, de banditismo e de espancamento, de saque e de incêndio, de terror e de assassinato.

Nestas condições, o Fascismo não ama, nem pode amar: odeia. Irrompendo furiósamente da cratera maldita do bandoleirismo, dirigiu-se ao sítio onde residia a palavra Amor — essa palavra dulcíssima, sublime, que define, por si-própria, uma epopeia grandiosa de perfeição humana, e apagou-a! E, no logar dela, escreveu, com o sangue das suas inúmeras vítimas, esta palavra horripilante: — ódio!...

Assim, para o Fascismo, o ódio é uma arma excelente, uma arma que não tem rival — a arma precípua da sua existência, degenerando em tragédia! De aí, que o ódio fascista, é aquele ôdio tôrvo e sinistro, pavoroso e sangrento, que tanto pode colocar no retábulo, à adoração dos crentes, um Inácio de Loiola, da Igreja, como um Mussolini, da política...

* * *

A desgraça e a miséria, são filhas da ignorância. As multidões, quanto mais ignorantes, mais desgraçadas e miseráveis se nos apresentam. Se não fôra a ignorância, a história dos tiranos — essa história que distila horrores e sangoeiras, lágrimas e carnificinas, não existia. Só a ignorância pode guindar os tiranos à grandeza olímpica da sua tirania.

A própria autoridade em que êles firmam a sua vontade omnipotente, surgiu da ignorância, como o egoísmo saíu do roubo. E o Fascismo é filho da ignorância, do roubo, do egoísmo, do interêsse [illegible] o corolário de tôda a [illegible]

A Liberdade encontra no Fascismo o seu mais cruel inimigo. Fascismo e Liberdade, são antípodas. A Liberdade paira nas altas regiões: é o sentimento, nítido e claro, duma vontade inerente a todos os seres — a vontade de ser independente e livre; o Fascismo escabuja entre o lôdo e a podridão — é a vontade de submeter o mundo inteiro aos desejos tigrinos dum carrasco!

Afirmar que o Fascismo tem uma filosofia e um ideal, é a mesma coisa que dizer que não há evolução. A evolução, é a Vida — a Vida dos povos e a Vida das sociedades. E o Fascismo, tendo por símbolos queridos, por imágens vívidas, um cacete e um punhal, um facho incendiário e uma maça, uma bomba de dinamite e um revólver, não pode admitir a evolução. Ora nós sabemos muito bem que a evolução é uma realidade — realidade concreta, realidade positiva. A filosofia e o ideal do Fascismo, são, pois, a antítese da evolução.

De resto, o Fascismo não passa dum jesuitismo ajustado às conveniências do mundo capitalista e aos seus órgãos mais essenciais: a Igreja e o Estado. E se ontem havia autos-de-fé para queimar os herejes, hoje, o Fascismo lança o fogo em qualquer parte para punir aqueles que desejam mais um bocado de pão e um pouco de liberdade.

As vítimas inocentes que se contam, por milhares e milhares, na Itália, hoje abatida, atestam, duma forma iniludível, a ferocidade do fascismo, aquela ferocidade que pretende o regrêsso à barbarie e ao selvagismo.

* * *

Em toda a natureza, no reino vegetal como no reino animal, há um desejo ardente de liberdade. Interrogái tudo: os homens, as plantas, as flores, as árvores. Cada um deles dir-vos há, na sua linguágem característica, que a sua principal aspiração reside na conquista da liberdade.

No íntimo de cada sêr humano há um libertário dormente; no coração de cada planta, há, latente, um desejo intenso de liberdade, que se simboliza na conquista intermitente do espaço. E, nas pétalas de cada flor há, além do desejo de liberdade, aquela vontade heróica de embelezar a vida, tornando-a atraente e agradável pelo aroma delicado, sensível, estonteante que exalam.

Por tôda-a-parte, enfim, a liberdade é desejada, cantada, aspirada em largos haustos. A inspiração do poeta, a sensibilidade do orador, a delicadeza do escritor, a profundidade do sábio, em suma, as mil-e-uma coisas que levaram as sciências e as artes ao seu apogeu, são outras tantas manifestações da liberdade. ¿Que vem fazer, pois, o Fascismo neste momento? Abater o trabalho insano de tantos séculos; derribar o brilhante pedestal do progresso; destruir as obras boas, úteis e necessárias à humanidade, porque o Fascismo, atacado da alucinação doentia do mando, pretende colocar no infinito, o bastão negro e trágico da autoridade ilimitada.

* * *

Homens! Camaradas Irmãos! Se um dia sentistes, dentro do vosso íntimo, algum prurido de fascismo, expulsái-o, mas expulsái-o de modo que não vos reste a mais leve reminiscência dele.

O Fascismo não conhece, senão... o Fascismo. O fascista, desde que a sua família não lhe aprove as alucinações, as brutalidades, as sangoeiras, não vê mais que adversários — criaturas que é necessário esmagar, torturar, banir a todo-o-transe.

Neste ponto, a história do Fascismo é sintomática. Ainda não há muito, que se viram, na Itália, as maiores aberrações: os filhos, trucidarem os pais, em nome do santo, do divino fascismo!

E é êste estado de exaltação criminosa, que meia dúzia de loucos, de malucos nervosos, pretende transplantar para Portugal!

Não! Nunca!

O Fascismo não pode, não deve ter o mínimo acolhimento no nosso meio. O Fascismo, é o jesuitismo encapotado. E um país, que conseguiu erguer a sua voz e agitar os seus músculos para exterminar a praga jesuítica, não pode, agora, que se volveram tantos anos de civilização e progresso, voltar para trás.

E' preciso lutar contra o Fascismo, como quem luta contra uma epidemia. Pois lutemos; mas lutemos com amor e dedicação, com vigor e energia, não esquecendo nunca que o homem só será feliz, quando tiver exterminado tôdas as gargalheiras que ainda o trazem jungido à carriola da escravidão, das mentiras e dos preconceitos...

ALFREDO GUERRA.

Não há o direito de opôr os interêsses da pátria aos interêsses da Humanidade.

Emilio CASTELAR.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis 19 20 21 22 23 24 25 26

A NOSSA REVOLUÇÃO

Será tanto mais progressiva quanto maior fôr a coerência de princípios

Não é raro encontrar-se quem se diga anarquista mas que tambem contribúa para que o Ideal tenha detractores.

O facto de se conhecer as teorias anarquistas, não implica que um indivíduo seja de facto anarquista. O anarquista é-o mais por temperamento.

Um indivíduo que se diz anarquista, propaga o Ideal e continúa a mergulhar no lodaçal, não se despindo dos preconceitos, não pode ter essa designação.

Aquele que se não sabe reformar a si próprio, será sempre mal vindo para querer reformar os outros.

O anarquista verdadeiramente convicto, deve reagir contra o meio, por todas as formas, romper com preconceitos estúpidos que ligam o indivíduo à sociedade contemporânea, deve acima de tudo, que é essa a sua acção primordial, procurar neutralisar a acção nefasta da autoridade, da religião e de todos os dogmas, leis ou regulamentos, que coartam o direito de raciocínio ao homem.

E' um ilogismo o facto dum anarquista pretender modificar a mentalidade atrofiada dos homens, que os torna submissos, escravos, e continuar peádo por compromissos à sociedade, que êle, em questão, combate, prégando o que a final não é capaz de fazer.

A nossa revolução, a Revolução Social, parte do princípio da integral libertação do homem, tanto moral. como intelectual, social e económicamente e tambem o rompimento com tudo quanto tenha a função de assegurar essa prisão.

Esse desideratum só se realizará sob a impulsão de individualidades, que se imponham, demonstrando não só aos inconscientes e ignorantes, como tambem aos nossos adversários, que é possível viver sem aquilo que se condena.

Ao contrário do que sucede com os políticos, os anarquistas preparam a revolução, antes de tudo, nas consciências. Para isso é necessário que o homem se individualise, não como entidade, colocando o seu «Eu» acima de tudo, mas libertando-se quanto possivel, de tudo quanto o póssa oprimir, integrando-se no Ideal anarquista e sobretudo vivê-lo.

Quem estiver com hesitações, com um pé nêste estado de cousas e outro no anarquismo, coloca-se numa situação dúbia bastante embaraçosa.

Dissémos acima que o anarquista é-o mais por temperamento. E é a realidade! Quantos indivíduos que andaram e andam por cá, dizendo-se anarquistas, quando o seu espírito é tudo, menos libertário. Conhenhecem as teorias, falam nelas e pretendem, talvez, integrar-se, mas a maior parte das vezes nos seus actos, nas mínimas cousas, demonstram justamente o contrário. Não sabem ou não podem livrar-se das influências da meio-ambiente.

E muitas vezes êsses indivíduos praticam acções que bastante nos contristam!

Entre êsses hà alguns tambem que classificamos de *anarquistas ferrenhos*, em nada diferentes dos *republicanos assanhados*, sectários, exaltados, intolerantes até à medula dos ossos, que não toleram uma opinião contrária à sua.

Todos êstes factos contribuem para que os nossos adversários se entretenham a detractar o nosso Ideal. Nós sabemos que êle está acima de todos os homens, mas tambem sabemos que essa campanha influe muito em quem não compreenda isso.

Para que isto não perdure é necessário que todos os anarquistas procurem manter íntegros os seus princípios, sem abdicações, sejam tolerantes, procurando convencer com convicção — porque a convicção é uma fôrça.

A simultaneidade das palavras com as acções é a propaganda mais convincente.

Cala mais no animo uma acção sem palavras, do que mil palavras muito românticas.

Comecemos por reformarmonos a nós próprios. E' um trabalho que se impõe, demonstrando assim que agimos guiados pelo nosso pensamento.

Procedendo contrariamente dar-se hà razão a Guyau quando disse *que o homem que não procede como pensa, pensa incompletamente.*

Se queremos que a Revolução Social tenha a progressão que desejamos, necessário se torna o sermos coerentes, porque só assim a idea vingará.

Viva-se o Ideal, porque a coerência surgirá, provando que sentimos o que dizemos e então resta-nos a satisfação de, verdadeiramente, cooperarmos na Revolução.

JOSE PIRES DE MÁTOS.

Nota da Redacção — Veio êste artigo como que a propósito dalgumas considerações que tencionamos em breve dar à estampa, sôbre *A Moral dos Anarquistas*. De verdade, ou não são anarquistas, ou são uns simples habilidosos, tantos, muitissimos até os que gravitam no nosso meio, no campo da propaganda anarquista, apresentando-se como tais, mas que os seus actos, a sua coerência, sobretudo o seu exemplo, está completamente em contradição com as suas palavras.

Do que se sabe

LIÇÕES DE UM RENEGADO

Nada mais perigoso para os homens de bem, do que um despeitado saído do seu meio; nada mais perigoso para os militantes das ideas, do que um abjurador de suas aspirações. Mussolini, que militou nas hostes socialistas, e porque ali se desaveio com os que defendem êsse corpo de doutrina, é agora o seu pior inimigo. Apropósito da liberdade, vejam bem o que êsse bandido agora diz:

«A grande experiência após o período da guerra, marca a derrota do liberalismo. Está demonstrado que na Itália é possível governar do lado de fora, acima e contra todas as idsas liberais. A liberdade não é um fim, mas um meio, e então deve ser dominada e sugeita. O fascismo não receia declarar-se iliberal ou anti-liberal. Ele já passou, e passará outra vez, se necessário for, sem a mais leve hesitação, sôbre o corpo, mais ou menos decomposto, da deusa da liberdade».

Todos os orgulhosos bandidos que a história nos cita, falaram desta forma às turbas que servem e às turbas que são servidas. Mas é tambêm a mesma história que nos cita exemplos de que nunca foi em vão que bandidos desta natureza deixassem de pagar o seu tributo de renegados, que é como em bom português ainda se diz: «de não deitarem nada em saco rôto». Ora, se o Mussolini é ainda homem de ler, que tenha isto em conta... assim como todos os aspirantes a mussolini.

* * *

OS PENDURICALHOS

Para incutir ânimo ao cometimento de crimes, convencionaram os donos do mundo e da *civilização*, pendurar medalhas, as mais diversas, ao peito dos que se prestam a executá-los. Afinal nada mais barato do que essa recompensa, igualando com o valor moral de tais brutos.

Em Edgware, em Middlesex, na Inglaterra, só durante a guerra, fabricaram-se 12.000.000 (dôse milhões) de medalhas, uma média de 40 por minuto, e tambêm 3.000.000 (três milhões) de estrêlas de bronze, que os brutos se ufanam de ostentar, ao peito já ôco de sentimentos.

Por tam produtivo e heróico facto deve calcular-se a boa medalha ou a optima recompensa que os fabricantes dêstes penduricalhos devem ter recebido, contrastando talvez com a miséria dos que as usam. merecida paga dos seus feitos.

H. M.

Estocadas...

Sport!... Cultura física!!... clama-se hoje por toda a parte onde gira sangue moço, onde há juventude...

E em tôrno dessas palavras curtas, gravita um comprido arengado de necessidades imprescindiveis para o revigoramento da espécie.

E' a *pátria* que para ser grande necessita de filhos fortes; é a raça que se atrofia e degenera, e, para que tal não suceda, é preciso «sport», mesmo muito «sport»...

A mocidade, embalada pelas cantatas dos farçantes que essa necessidade criam, entrega-se à prática de exercícios bestiais, duma brutalidade a toda a prova e de conseqüências bem funestas para a evolução humana.

E' o *escouceamento* das bolas, é o «pedestrianismo» *macaqueando* os cavalos nas corridas, é o «box», etc.; e na prática de tudo isto, vão escouceando a saúde que ainda possuem, vão correndo do seu ser todos os sentimentos fraternais e vão esmurrando todo o amor que a Natureza dá à juventude. Só o ódio, só revelações de

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

maus instintos é que exterioriza e faz criar em sua volta...

...Como eu lamento essa mocidade que se atrofia e desmoralisa... como ela esquece que os criadores de gado tambem engordam bastante êste, para muito renderem a quando da sua ida para o matadouro. A mocidade é bem êsse gado que os farçantes da política, amanhã, negociarão rendosamente, quando outra carnificina se desencadear...

...Como êles a sabem engordar...

— *E consiste nisto, simplesmente nisto, o revigoramento dum povo; o equilíbrio económico tão de si a esboroar-se!... Está salva a* **pátria** *com êste «récord» juvenil, com êste* **trabalho** *revigorador e salutar!...*

ANARKUS.

O verdadeiro cidadão livre é aquele que nega o govêrno e não quere nada dele.

Alfredo de VIGNI.

Em socorro de Macno

ÊLE VAI SER JULGADO

As notícias que recebemos de Macno são alarmantes.

O nosso camarada, prisioneiro há longos meses do govêrno polaco, e perseguido pela parte que tomou na revolução russa contra os exércitos contra-revolucionários vai ser julgado dentro de poucos dias.

Todos os amigos da revolução russa, todos aqueles que teem desejos de salvar aquele que foi um dos mais heróicos defensores, todos os proletários, enfim, teem o dever de protestar contra o ignóbil processo intentado ao revolucionário anarquista.

Se pensarmos que o Estado polaco é o aliado da reaccionária rèpública francesa, não podemos ficar inactivos perante a sorte que a reacção polaca prepara ao nosso bravo camarada Macno.

Que nos protestos organizados contra a repressão mundial o nome de Macno seja unido aos de Sacco e Vanzetti, de Marty, de Cottin, às vítimas do fascismo e do terror branco em Espanha.

Em socorro de Macno:

A Humanidade avança

O Esperanto e a Literatura Anarquista

Tem a Lingua Internacional, já muito desenvolvida a sua literatura. Quer no romance, na novela, no humorismo ou na poesia, se encontra um bom número de obras originalmente escritas na lingua de Zamenhoff.

Gradualmente tambêm a bibliografia esperanta se vai enriquecendo com trabalhos de filosofia e sociologia. As letras revolucionárias não são extranhas ao Esperanto, e nessa língua mundial, popular, encontramos as boas ideas de Krapotkine, Leão Tolstoï e outros pensadores que à causa da libertação humana deram o seu melhor esfôrço de saber e inteligência.

A poesia revolucionária tambêm no idioma comum ocupa um vasto e importante logar.

A Internacional e os demais cânticos que teem feito vibrar de entusiasmo o peito dos demolidores desta sociedade corrupta, de ódios, sangue e lama, teem na melodiosa lingua, as suas mais encantadoros e entusiásticas rimas.

Mas para os anarquistas tudo isso é pouco, muito pouco.

E' preciso criar a bibliotéca anarquista — uma bibliotéca composta exclusivamente de notáveis livros em que o espírito anarquista esteja bem vincado, bem resplandecente: êste pensamento, ao mesmo tempo desejo, pulsava no coração de todos os libertários que fazem do Esperanto a língua da emancipação, a língua da Liberdade.

¡Mãos à obra! exclamam os nossos camaradas da Ucrânia, iniciando os trabalhos para tão importante empreza. E por toda a parte onde vibra a idea anarquista aparecem adesões.

Um bom número de obras estão sendo traduzidas, entre elas: «Campos, Indústria e Ofícios», de Kropotkine, pelo camarada E. Haine, da Bélgica; «A subida do Direito Criminal», de Molinari, pelo camarada Baroni, da Itália; «A pena de morte em Chicago», de T. Ramos, pelo camarada Josefo Eder, da Austria; «A sciência moderna e a Anarquia», de Krapotkine, pelos camaradas Levandovsky e Zilberfarb, da Ucrânia.

Pelos trabalhos iniciados tudo nos leva a crêr que a Bibliotéca Anarquista em Língua Internacional, terá a aguardá-la, não um sucesso de livraria, como em estilo já gasto, mas a compensação moral dos seus organizadores e colaboradores.

Em Portugal, onde os esperantistas anarquistas estão possuidos de inquebrantavel vitalidade, cremos que alguma colaboração será dada à Bibliotéca, pois já ouvimos, que o «Socialismo Libertário ou Anarquismo», de Silva Mendes, vai ser traduzido.

E' digna de ser vertida para a Língua Internacional essa bela obra, que se orgulha de estar traduzida em várias línguas nacionais.

Enfim, é motivo de satisfação para os anarquistas, quer falem ou não o idioma Zamenhofano, que estejam incluidos na bibliografia esperanta os melhores compêndios da filosofia, da moral e da propaganda anarquista.

Prestam o seu enorme e valioso concurso a tão bela obra — a Bibliotéca, a importante Associação Mundial Desnacionalisada (S. A. T.) e o seu progressivo órgão «Sennacieca Revuo».

F. COSTA.

Balanço Sociológico do 1.º trimestre de 1923

Faltam	Sobram
Anarquistas	Governantes
Professores	Padres
Homens	Autómatos
Libertários	Ditadores
Revolucionários	Revoltados
Arados	Canhões
Escólas	Igrejas
Habitações	Cárceres
Fábricas	Quarteis
Mães	Prostitutas
Amôr	Ódio
Sciência	Ignorância
Pão	Miséria
Médicos	Assassinos
Produtores	Parasitas
Sinceridade	Hipocrisia
Liberdade	Tirania
Igualdade	Proprietários
Fraternidade	Guerra
Civilisação	Barbarie
Justiça	Ladrões
Consciência	Imoralidade
Solidariedade	Egoismo
Enfermeiros	Polícias
Agricultores	Burgueses
Honestidade	Comerciantes
Socialistas	Políticas

Resumo: Ignorância e Miséria.

Déficit: Revolução.

UM REBELDE AUDAZ.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Encontra-se à venda na redacção de «A Comuna», êste interessante folheto de *Chueca*, edição do grupo «Humanidade Livre».

Preço $20; pelo correio $30.

IMPRENSA

Visitaram-nos:

Número 1 de *Solidariedade Gráfica*, orgão defensor dos gráficos do Norte, editado por um grupo de gráficos, cheios de boa vontade e energia pela emancipação dos oprimidos.

Vulcano, orgão do Sindicato U. Metalúrgico do Porto, rua de Camões, 364 — Porto.

A Tribuna do Chauffeur, L. S. Domingos, 11-2.º — Lisboa. A todos longa vida. Vamos permutar.

Luz, orgão da 6.ª filial da Associação do Registo Civil no Funchal. Há muito que não recebemos êste prestimoso quinzenário anti-clerical. Suspendeu? Muito nos obsequeia continuando a visitar-nos.

Cultura Obrera. Temos permutado com êste periódico, e, há muito que o não recebemos. Solicitamos permuta. Podem enviar-nos os números publicados desde Outubro de 1922 até esta data?

As nossas saudações.

O roubo é ordinàriamente um delito da miséria e do desespêro, um delito desta infeliz fracção humana a que o direito de propriedade — direito terrivel e que não é necessário — não deixa viver.

(1781) *BECCARIA.*

UM PROTESTO

Na sua última assemblea gegral, o Núcleo Juventude Sindicalista de Almada protesta contra a cobarde agressão de que foi vítima o camarada António Gonçalves, e, aprecia-se a sua situação, escalpelisando a tôrpe acusação de que é vítima.

Gonçalves não é *bébado*, nem vadio, nem dinamitista como o acusam.

Sabem bem donde partiu a tôrpe vingança e acusação: daquela *caverna* da Cova da Piedade, onde todas as noites se reune a Patronal cá do burgo, donde parte todo o ódio aos conscientes operários de ideas avançadas.

Conhecemos muito bem o aliciador, conhecido reaccionário e explorador, bem como os dois inconscientes instrumentos que tão baixo desceram, agredindo um operário!

Resta-nos a consolação de estar breve a queda do seu poderio.

Limitamo-nos hoje a este protesto platónico, amanhã... será de facto.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

LITERATURA

A MINHA MALDIÇÃO

—Homem! ¿Como ganhas a tua vida?

—Ganho a minha vida, com a vida dos outros homens.

—E's, sem dúvida, soldado? Um dêsses desgraçados que carregam com o ódio dos povos, visto que envergam a libré dos déspotas? um dêsses indivíduos que enterram o aço das suas baionetas no peito dos seus irmãos? Pobre soldado! Tenho pena de ti!

—Eu não sou soldado, e ganho a minha vida com a vida dos meus semelhantes.

—Serás, então, um bandido? Serás, ao menos, um dêsses famosos rebeldes que pagam à sociedade o mal com o mal, e que, às vezes, ainda lhes sobra o tempo para praticar o bem? Nesse caso, ¿onde estão os teus homens de armas, os teus vassalos? ¿onde é o teu ninho de águia? ¿Em que país gosa de fama o teu nome de guerra? ¿Que emblema ostentam as tuas bandeiras? ¿Que grito de guerra fazem soar os clarins dos teus aráutos? Por acaso, os viajantes cheios de terror, vêr-te hão correr, como uma chama de enxofre escapada dum vulcão, pelos Alpeninos ou pelas Serras Gris? Então, conta-me as tuas façanhas e as façanhas dos teus homens... Ou, talvez, corsário audacioso, filho da espuma do mar e do relâmpago do céu, ¿os teus canhões só respondem às imprecações das tripulações náufragas e ao estampido dos trovões?... Mostra-me então, a tua bandeira e diz-me em que paragens o teu navio descreve as suas espirais sangrentas!... Bandido! Gosa depressa a tua vida, porque as cabeças como a tua não permanecem muito tempo em cima dos ombros.

—Eu não sou bandido, e ganho a minha vida com a vida dos outros homens.

—Serás um assassino? Caminhas, durante a noite, ao longo dos velhos muros, atrás da vítima que espreitas? Ocultas-te debaixo do seu leito, forçando a porta da sua habitação, para lhe extinguires a vida? Sabes preparar os venenos mais subtis? Conheces os rancores que a aragem dos bosques e os raios da lua insuflam no coração dos homens, por serem testemunhas dos seus negregados crimes? Calcarias o corpo de teu pai se êle te impedisse a passagem? Assassino! A sociedade levou-te a êsse gráu de desespêro; mas ela é mais culpada do que tú.

—Eu não sou assassino, e ganho a minha vida com a vida dos meus semelhantes.

—Serás ladrão? Ladrão de oiro? ladrão de pão? Banqueiro, proprietário ou simplesmente gatuno? Ladrão! E's, apenas, um covarde que, para aliviar a sociedade, precisas que ela te ajude. Perder-te hás irremediàvelmente se a fome te fizer entrar em relações com a justiça dos homens.

—Eu não sou ladrão, e ganho a minha vida com a vida dos outros homens.

—Serás, então espadachim? Um homem que passa a vida matando? Uma dessas bestas ferozes que só se sente bem quando calca os cadáveres das suas vítimas? Um mercenário a quem se paga para destruir em nome da honra ofendida, honra essa que consiste em fazer scintilar a ponta duma espada? Espadachim, és demasiádamente vil para que eu ponha a minha vida à disposição da tua agilidade.

—Eu não sou espadachim, e ganho a minha vida com a vida dos meus semelhantes.

—Serás, então, carrasco?... Crâneo cheio de sangue e de bestialidade, instrumento bárbaro que esmaga a obra do tempo e dos mundos—o homem, flor apenas desabrochada para a criação eterna! Interrogaste-te alguma vez sôbre quem fez o homem e quem tem o direito de o suprimir? Oh! E's a mais horrorosa de todas as máquinas! O pai que te concebeu, semeou sangue no ventre de tua mãe, visto que tú fazes rolar as cabeças no cadafalso sem expor a tua, e engordas com a fraqueza dos condenados.

—Eu não sou carrasco, e ganho a minha vida com a vida dos outros homens.

—¿Quem és tú, enfim?

—Eu sou agente da polícia secreta.

—Longe de mim! Longe de mim, maldito! Tú chupas ao homem, mais do que o seu sangue, mais do que a sua vida! Tú feres na sombra, sem perigo, aquele não pode ouvir o canto do galo. Tú sentas-te em tôda a parte — no lar das famílias e nas santas assembleias da Liberdade, para delatares o que ouviste! Tú abraças o amigo a quem vais entregar à prisão! Aflige-me ver um homem descer tam baixo! Criatura degradada! Nas ruas, todos te evitam; o teu nome é pronunciado em voz baixa, e só te conhecem por um número! A vista do teu semelhante causa-te horror!

Atraiçoas o teu pai, a tua mãe, os teus irmãos, os teus cunhados, os teus parentes, aqueles que nunca viste e aqueles imprudentes que te confiam algum segrêdo. Tú vicías o ar, turvas a água, escureces a luz do sol! A mulher que se deita contigo, é uma mulher envenenada. Os teus avós, se não pertenceram à tua profissão, coram de vergonha no fundo dos túmulos! E os teus filhos renegam o teu nome. O pão que tú comes, queimará a tua garganta, até que a instituição policial te deixe morrer de fome depois de ter coberto de vergonha, o teu nome.

Vai-te, maldito! Gosa as rubras alegrias, vermelhas de sangue, que a mão do crime te oferece, porque a piedade não te mostra, sequer, as suas azas brancas! Que o ar que tú respiras, te asfixie! Que os alimentos apodreçam, desde que os teus dedos lhes toquem! Que o vinho do teu copo se transforme em vinagre! Que não bebas mais água, senão a água dos mares! Que te seja negado o asilo! Que a tua esposa seja estéril. E que, se te nascer um filho *duma mulher honrada*, que êsse filho se ruborise ao chamar-te pai...

Eis a minha maldição!...

(De *Jours d'exil*).

ERNESTO COERDEROY.

* * *

São ambos produtos sociais da mesma espécie: aquele que subiu todos os degraus, desde o banco do colégio até à poltrona do tribunal do alto do qual condena o assassino, e o assassino que recebeu os pontapés do pai e as bofetadas da mãe até ao momento em que se sentiu com fôrça suficiente para estrangular e roubar o rico, cujo dinheiro ambiciona.

Bernard SHAW.

* * *

Na realidade o letrado chinês não encontra no cristianismo senão contradição, inverosimilhança e névoa.

Eça de QUEIRÓS.

MARTE e APÓLO...

Apólo tem a beleza,
O pensamento, a emoção!
Marte possui a destreza,
De matar por ambição!

Enquanto Apólo, ditoso,
Procura encantar a Terra,
Marte, feroz, rancoroso,
Semeia o vento da guerra!

São estas imagens nobres,
Os dois fins da sociedade:
Apólo engrandece os pobres,
E Marte a imbecilidade.

Para os homens fraternais,
Apólo é filho da Sciência...
Marte distingue os chacais,
Ao provocar-lhe a demência,

Da guerra — fruto directo,
Dos corações desumanos:
Trazer o povo inquieto
Só de loucos e tiranos.

Levar o luto, o pavor.
A quem está sossegado,
É difundir o rancor,
Entre o povo desgraçado.

A guerra, é luta sangrenta,
Por mentiras, ilusões;
Tempestade virulenta
Produz crimes, maldições...

As medalhas que espaventam,
Como prêmio dalgum acto
De guerra, só representam,
A fúria do assassinato...

De Apólo, a imágem querida,
Surge a idea bela e forte;
De Marte—oh! sinistra vida!
Só esperamos a morte...

E se a luz do Pensamento,
Deve sempre evoluir:
Abaixo Marte sangrento!
Porque Apólo quer subir!

Apólo!—Vida cantada,
Em âncias de perfeição!...
Marte!—Vida exacerbada
Pelo ruido do canhão!...

Se quisermos a harmonia,
A reinar em tôda-a-Terra:
Cultivemos a alegria,
Acabando com a guerra...

A. ALVES PEREIRA.

SCIENCIA

VULGARIZAÇÃO SCIENTÍFICA

★ ASTRONOMIA ★

(CONTINUAÇÃO)

Concepção do sistema solar

Então Képler teve uma inspiração genial.

Compreendeu que o sistema solar forma uma única e mesma máquina, que os movimentos dos astros que o compõem deviam ser solidários, que, por conseqüência, não basta conhecer individualmente a marcha de cada planeta, mas que é necessário procurar uma relação matemática entre os elementos de dois planetas diferentes. A existência desta lei não era todavia mais que provável.

Contudo, Képler, entregou-se ao estudo dela com um vigôr que nada podia abater. Qual a natureza da relação procurada?

Sempre atento em procurar as particularidades do sistema solar, Képler, observou que o tempo da revolução (1) parecia ligado em cada caso ao tamanho da órbita; que, quanto maior fosse a órbita, maior era a duração da revolução do planeta, e que quando houvesse uma grande diferença no tamanho de duas órbitas, havia tambem uma diferença grande entre os tempos das revoluções. Era, pois, entre as durações das revoluções de dois planetas quaisquer e os tamanhos de suas órbitas que era preciso procurar uma relação matemática. O problema achava-se circunscrito, Képler meteu mãos à obra. Ensaiou todas as relações simples entre as durações e os comprímentos.

Para dar uma idea destas pesquizas, é preciso definir dois termos. Chamaremos *quadrado dum número* o produto que se obtem multiplicando êste número por si mesmo. (Ex: 4 é o *quadrado de 2* porque multiplicando 2 por 2 obtemos 4 por produto); e *cubo dum número* o produto que se obtem multiplicando êste número pelo seu quadrado. (Ex: 8 é o *cubo de 2* porque multiplicando 2 pelo seu quadrado, que é 4, obtem-se por produto 8. Logo 8 é o cubo de 2).

Képler experimentou tôdas as relações simples entre os quadrados das durações (tempos) e os comprimentos (tamanhos das órbitas), e entre os cubos das durações e os comprimentos. Tudo em vão.

Numa nova serie de experiêacias, ele comparou os multiplos dos tempos e os quadrados dos comprimentos, depois os multiplos dos quadrados dos tempos e os quadrados dos comprimentos. Tudo isto se malogra. Voltou à comparação já feita entre os comprimentos e os cubos dos tempos. Não descobre nenhuma lei simples. Enfim, ele experimentou se os quadrados dos tempos não seriam proporcionais aos cubos dos comprimentos.

Este cálculo teria dado resultado e dado a Képler o segredo da natureza. Mas, por uma extranha fatalidade, um êrro numérico introduz-se no cálculo, e o grande filósofo regeita como falsa, uma hipótese que era a própria expressão da verdade.

(1) *Revolução*. Volta completa em tôrno do Sol.

O triunfo de Képler

A obstinação de Képler triunfou por fim da sua má fortuna. Habituado a recomeçar várias vezes todos os seus cálculos, voltou alguns mezes mais tarde à mesma experiência.

Esta nova tentativa foi coroada de pleno êxito e, a 15 de Maio de 1618, Jean Képler pôde conhecer, êle só, o gigantesco mecanismo do Universo. A sua alegria foi tão grande que pensou ser vítima duma ilusão.

Recomeçou os seus cálculos, esforçando-se em conservar a calma, comprimindo a emoção do seu coração: reconheceu a lei como exacta!

Os quadrados dos tempos estávam na mesma relação que os cubos dos comprimentos. Que grito de triunfo! A sorte está lançada, diz ele, vou escrever o meu livro. Que o leiam no presente ou na posteridade, pouco me importa.

Ele pode bem esperar o seu leitor!

E', sem dúvida, um grande espectáculo, contemplar a verdade scientífica na sua beleza austéra. Mas, ainda maior espectáculo é, vêr um homem de génio abordando com decisão um dos principais problemas da Natureza, analisando o objecto do seu estudo, reduzindo cada pregunta a uma forma precisa, esforçando-se em persentir as respostas, multiplicando as hipóteses, classificando-as metódicamente, regeitando-as depois de um sumário, submetendo as outras à crítica duma sciência rigorosa, deslindando enfim a boa e rasgando um dos veus que nos escondem o Universo.

Tal é o espectáculo que nos oferece Jean Képler.

A vida de Képler

A sua obra é o fruto desta indomável perseverança tão própria da raça saxónica. Não é sòmente com a natureza que se deve medir a fôrça da alma de Képler.

A sua vida foi uma perpétua luta. Ele começou na casa de seu pai, como moço de taberna. Depois foi lavrador. Reconhecido muito debil para os rudes trabalhos dos campos, estudou a teologia protestante, mas, vê-se que o seu espírito era muito curioso. Tendo um corpo muito fraco para ser agricultor, um espírito demasiadamente vigoroso para ser homem de lgreja, torna-se professor de matemáticas e astronomo.

Dura necessidade, numa época em que Galileu, professor de matemáticas na Universidade de Pisa, ganhava *um franco* por dia! na verdade, o ordenado de Képler foi mais elevado. Mas não o excedia muito. Queremos dizer que ele conheceu todos os horrores da *luta pela vida.*

Não é tudo ainda. Uma das suas tias foi queimada por crime de feitiçaria. Sua mãe esteve quáse a experimentar a mesma sorte. A acusação principal que lhe dirigiam era a de que já tinham sido queimadas feiticeiras na sua família.

Képler avisado por sua irmã, chega felizmente a tempo, e inspirado pelo amor filial, consegue salvá-la a custo.

Católicos e protestantes perseguiram o grande filósofo com o mesmo encarniçamento.

Não pôde furtar-se ao furor deles, senão fugindo por várias vezes. E' preciso confessar, este século (Século XVII) foi pouco complacente para os sábios.

Pouco mais ou menos pela mesma época, o professor Ramus, descoberto no Colégio de França pelos bandos católicos da Saint-Barthélemy era precipitado do alto das suas janelas, arrastado moribundo pelas ruas de Paris e atirado depois ao Sêna; Giordano Bruno foi queimado vivo por ter dito que as estrelas podiam bem ser outros tantos sóis; e Galileu só escapou à mesma sorte, quando humilhou a sua sciência e os seus cabelos brancos, prostrando-se aos pés de meia dúzia de teólogos.

(Continúa).

ANTOLOGIA

Os ilegáis

O verdadeiro revolucionário é, por excelência, um ilegal.

O homem, cujos actos estão sempre em harmonia com a Lei, pode ser, em suma, um bom animal, domesticado, mas nunca um revolucionário.

A Lei, conserva; a Revolução transforma. Assim, havendo que transformar, que renovar, é preciso rasgar a Lei.

Prètender que a Revolução seja feita dentro da Lei, é um contrassenço. A Lei é o jugo; e aquele que quere libertar-se do jugo, tem de o quebrar.

Aquele que diz aos trabalhadores que, dentro da Lei, se pode obter a emancipação do proletariado, é um intrujão, porque a Lei ordena que não arranquemos das mãos dos ricos a riqueza que êles nos roubaram; e a expropriação da riqueza em beneficio de todos, é a condição, sem a qual não se pode conquistar a emancipação humana.

A Lei é um freio; e, com freios, não se pode conseguir a liberdade.

A Lei, castra; e os castrados não podem aspirar, não podem ser homens.

As liberdades conquistadas pela espécie humana são obra dos ilegais de todos os tempos, os quais, para caminharem frente, tiveram de calcar a Lei aos pés.

A expropriação só pode fazer-se, rasgando a Lei e não, levando-a às costas. E' por isso que os revolucionários teem de ser ilegais, teem de sair do caminho dos convencionalismos e abrir novas vias.

Rebeldia e Legalidade são termos antitéticos.

Que os conservadores e farçantes arrecadem, pois, para si, a Lei e a Ordem. Nós não queremos nada disso, porque queremos ser livres.

RIGARDO FLORES MAGÓN.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Pela INTERNACIONAL

Execuções no Transvaal

Ao ministro da Justiça da Africa do Sul:

Segundo uma comunicação das organizações aderentes à A. I. T., sabemos que o govêrno britânico perseguiu e ainda persegue os operários, devido à sua participação na suposta greve do Rand.

Várias vítimas foram já condenadas à morte e executadas. Idêntica sorte está reservada a novas vítimas. E centenas de operários encontram-se há longo tempo na prisão.

Protestamos enérgicamente contra esta política de violências, que não se pode considerar senão como um regrêsso à barbaria. Exigimos do govêrno Sul-Africano a libertação das vítimas, cuja vida está em perigo iminente, assim como também exigimos a libertação de todos os outros presos.

Considerando de nosso dever chamar a atenção da classe operária de todos os países para êsses métodos brutais de govêrno, exigimos que as perseguições cessem imediátamente.—*O secretariado da A. S. T.*

A reacção em Espanha

A revolução continua a pagar o seu tributo de sangue à causa da emancipação obreira.

Na Espanha proletária, que sempre foi assediada pela ofensiva insensata do Estado, a burguesia, imitando o terror bárbaro, pretende obter os mesmos resultados que êle, sem atirar para cima do poder legal —O Estado, as respectivas responsabilidades.

Mas, o procedimento dessa burguesia não é mais do que uma vã ilusão — porque, como na Itália fascista, na Espanha o terror apresenta apenas a seguinte chancela: *a expressão da vontade reaccionária do capitalismo e do Estado.*

Proletários de todos os países!

Enquanto que o proletariado de Barcelona estende a sua bandeira sôbre os túmulos de Segui e de Comas, vergonhosamente assassinados pelos mercenários da burguesia, e responde, a êstes assassinatos, com uma greve geral de protesto, é preciso que, por toda-a-parte, se eleve a voz de solidariedade, voz que declare à burguesia espanhola e aos seus lacáios, que o mundo operário está com os mártires espanhóis, com o proletariado de Espanha.

E a vós, trabalhadores de Espanha, a solidariedade de todos os vossos irmãos de armas dos diferentes países deve incitar-vos, mais que nunca, a prosseguir na vossa luta titânica, redobrando de actividade a acção da vossa C. N. T. — a bandeira espanhola do sindicalismo revolucionário.

Os exemplos dos outros países, onde o terror fascista se tem mostrado vitorioso, devem ser, para vós, ensinamentos duma grande lição: na hora dos grandes perigos, cerremos o mais fortemente possivel as nossas fileiras para que a nossa defeza não se disperse em operações parciais e irregulares, antes seja metódica, tenaz, e, sobretudo, geral e simultânea.

A A. I. T. envia, por êste meio, a sua saudação fraternal aos bravos lutadores da C. N. T., na certesa de que os operários revolucionários da Espanha sairão vitoriosos na sua luta contra o fascismo espanhol, personificado no Estado e na burguesia.

O Congresso da N. A. S. da Holanda

O Congresso da National Arbeids Secretariaat (N. A. S.), realizou-se em Amsterdão, nos dias 31 de Março e 1 e 2 de Abril. A 2.ª sessão do congresso foi toda ocupada pela discussão sôbre a orientação internacional da referida Associação.

A N. A. S. conta 300 organismos aderentes; e, ao congresso, compareceram apenas os delegados de 150. Os debates foram interessantes e apaixonados, dando a votação o seguinte resultado: por Moscóvia, 99 votos; por Berlim, 84; e 9 abstenções.

Segundo os Estatutos da N. A. S., esta resolução vai ser submetida ao *referendo*.

Conhecido o resultado da votação, os comunistas-políticos, que nem sequer se lembravam desta cláusula dos Estatutos, propuzeram a imediata substituição do director do *Arbeid*, — orgão oficial do N. A. S., — a pretexto de que era partidário da Internacional de Berlim. O congresso ratificou, por uma maioria esmagadora, a sua confiança a B. Lansink, e os comunistas não ficaram satisfeitos com a resolução, porque queriam, à frente do jornal, um partidário de Moscóvia.

E' de supor que o *referendo* inutilize o voto do congresso. Das associações que não compareceram, a maioria é partidária da A. I. T., de Berlim.

Prevê-se, pois, uma scisão no movimento sindical do Holanda, porque os comunistas querem subordiná-lo aos interêsses do partido; ao passo que os sindicalistas querem-no livre, autónomo e independente.

O Congresso da C. N. T.

No próximo mês de Junho, realizar-se há, em Madrid, o congresso nacional da C. N. T. de Espanha. E' nesse congresso que será votada a adesão à A. I. T. de Berlim.

A C. G. T. do México

A C. G. T. do México acaba de aderir à A. I. T. de Berlim. Esta resolução foi tomada quási, por unanimidade, no seu 2.º Congresso que realizou há três meses. Sôbre o assunto, o lacáio de Losonsky, Andrés Nin, atira-se, desta forma aos anarquistas-sindicalistas do México.

«Infelizmente, depois da fundação da C. G. T. do México: êrte organismo encontra-se sob uma poderosa influência dos anarquistas, os quais, empreenderam uma campanha desesperada contra a Revolução russa e contra a I. S. R. Como resultado dêstes ataques, os nossos melhores camaradas encontram-se na prisão, ou tiveram de fugir do país. E, então, o comité Executivo da Confederação passou para as mãos dos anarquistas...»

Chama-se a estas coisas, mentir a olhos vistos. Os anarquistas mexicanos nunca atacaram a revolução russa. O que êles teem atacado—e nisso não fazem mais do que teem feito os anarquistas do mundo inteiro, é atacar a estúpida ditadura bolxevista, com o seu cortejo de perseguições, de assassinatos, de violências e de tiranias, que são o corolário dessa mesma ditadura. Quer dizer: na opinança dos bolxevistas, os anarquistas russos podiam ser perseguidos, maltratados, e fusilados sem que houvesse um único protesto. E tôda-a-gente que combate o Estado, devia calar-se em face do Estado bolxevista, ajoelhando e saudando os nossos tiranos com a sua polícia, a sua disciplina, a sua opressão e o seu mal-estar. Decididamente. Andrés Nin, cómodamente instalado em Moscóvia e vivendo à larga, por conta dos russos esfomeados, usa agora uma linguagem semelhante à da Tché-Ka, a polícia secreta da Rússia. Está, portanto, russificado. Que lhe preste.

Sindicalismo em França

O Comité de Defesa Sindicalista (C. D. S.) realizou, em Paris, no dia 11 de Abril, um comício, por considerar o «sindicalismo francês em perigo». Foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

Em presença dos factos conhecidos, tais como: o discurso pronunciado por Zinoview no 4.º Congresso da Internacional Comunista, condenando as greves do Havre; dos incidentes de Belfort; dos de Periguex; da acção das comissões do partido no seio das organizações confederáis, da exclusão dos sindicatos que se recusaram a executar as suas ordens etc., etc.... o comício, resolve:

1.º Reagrupar tôdas as fôrças que se encontram decididas a salvar o sindicalismo do abismo a que o querem conduzir os seus dirigentes, formando um Comité de Unidade encarregado de preparar o Congresso abandonado pelo *Bureau* da C. E. da C. G. T. U.

2.º Reconstituir a Unidade sindical destruida por Moscóvia e seus seguidores, agrupando, numa única C. G. T. tôdas as fôrças que se coloquem no terreno específico de classe determinada pelo Sindicalismo na sua *Carta de Amiens*, e fora de todos os partidos políticos;

3.º Desenvolver tôda a sua energia no sentido de que os *Conselhos de fábrica* constituam, desde a sua origem, as células de base dos Sindicatos, procedendo directamente e em seu nome contra o capital, e não em nome dos organismos de combate do partido comunista contra o sindicalismo.

Convencidos, de que os «organismos expontâneos» da classe operária são um valor revolucionário, capaz de fazer da fórmula de 1848—*A Emancipação dos Trabalhadores hade ser obra dos mesmos trabalhadores*, uma realidade vívida; Esperando que o seu grito de alarme e de união seja escutado por todos, na província, como em Paris, o comício dissolve-se aos gritos de:

Viva a União Sindical reconstituída!

Viva o Sindicalismo autônomo e independente!

Abaixo os divisionistas!

Abaixo a política ditatorial!

Do «Boletim» da A. I. T. de Berlim.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis 19 20 21 22 23 24 25 26